

**O DESAFIO ESTÉTICO PARA O CINEASTA NEGRO**Merinéia **RIBEIRO**<sup>1</sup>

**RESUMO:** A imagem do negro no cinema brasileiro tem apresentado uma carga de pejoratividade de longa data. Os problemas técnicos, assim como as intenções de esboçar o papel social do afro-descendente, vêm reincidindo em prejuízo de produções que na pretensão de o valorizar, atuam como foco disseminador de preconceito e reafirmação de estereótipos.

**Palavras chave:** cinema, preconceito racial, estética e afro-descendência

O título deste artigo define o que representa para o cinema da atualidade a presença do afro-descendente na mídia audiovisual. Ocorre um significativo contraste entre a imagem captada da pele negra com relação à imagem captada da pele branca. Como se já não bastasse o problema técnico da dificuldade de percepção da imagem do negro no cinema, ponto pouco desenvolvido, se tomar como base a difusão de filmes na contemporaneidade<sup>2</sup> que pecam na iluminação adequada quando se trata de trabalhos com a atuação de atores afro-descendentes, temos que nos ater quanto à intencionalidade das propostas de reprodução de estereótipos e de qual imagem se deseja transmitir do negro através do cinema brasileiro atual.

A falta de instrumental técnico adequado para a realização de produções audiovisuais com atrizes e atores negros e o problema de abordagens da temática étnica são pontos relevantes da crítica, levantada pelo jovem e proeminente diretor paulista Jeferson De, por meio de seus trabalhos cinematográficos e de suas entrevistas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - Marília

<sup>2</sup> Refiro-me ao filme “Madame Satã” (2002) do diretor Karin Aïnouz, em que fez uso de uma ruim iluminação, em várias cenas.

<sup>3</sup> Em especial no manifesto *Gênese do Cinema Negro Brasileiro*, ou simplesmente *Dogma Feijoadá*, em que se verifica uma análise histórica sobre a produção audiovisual dos negros brasileiros, segundo a Coleção APLAUSO CINEMA BRASIL (2005). Jeferson De também produziu *Distraída para a Morte* (2001), *Carolina* (2003) e *Narciso Rap* (2004).

Na realização de trabalhos que focam esse tema, os diretores enfrentam enormes dificuldades em encontrar profissionais como, por exemplo, maquiadores, habilitados para trabalhar com a pele negra. Estes teriam condições de trabalhar sobre pele negra exaltando o que nela há de mais belo. No quesito iluminação, o problema técnico também persiste. Sem uma iluminação correta, os detalhes finos de expressão do ator ou atriz afro-descendente ficam empobrecidos, mesmo que haja o trabalho com maquiagem adequada. Uma má iluminação incorre em risco de ter sublimada a delicadeza dessa pele. Assim afirma o fotógrafo Carlos Ebert <sup>4</sup>, um profissional sensível e preocupado em desenvolver um trabalho que venha valorizar a percepção da pele negra.

Para Jeferson De, são necessários profissionais com experiência técnica, produtores, roteiristas que sejam afro-descendentes, especializados em lidar com a imagem do negro nas produções audiovisuais. Segundo o diretor, na ausência desses profissionais, os trabalhos ficam sujeitos a entraves quando da realização de filmes sérios. Já pessoas dentro desse perfil, ou seja, afro-descendentes, seriam mais sensíveis à temática étnica. Seus trabalhos estariam num nível de comprometimento mais elevado, visando não assumir imagens pejorativas ao apresentar o negro nas produções cinematográficas.<sup>5</sup> Desalentador é notar que elemento humano a ser profissionalizado para desenvolver tais funções, com o respeito que elas merecem, não falta, todavia sobra. Estes proeminentes profissionais técnicos, por serem de origem afro-brasileira, podem tornar-se sensíveis à causa por sofrerem as conseqüências de não se enxergarem no espelho da mídia, através de uma representação ativa, ou seja, modelo icônico afro-descendente bem apresentado e sutilmente focalizado pelas lentes da câmera.

O fato é que esse elemento humano, infelizmente, em sua grande maioria se encontra às margens do corpo social. Quando conseguem sair desse círculo social vicioso são

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao Programa ZOOM da TV Cultura, exibido em Fevereiro de 2006, sobre o título “*O Cinema Negro no Brasil*”. Carlos Ebert trabalhou com o diretor Jeferson De na produção do filme *Carolina* (2003).

<sup>5</sup> Em “*O negro brasileiro e o cinema*” (1988) de João Carlos Rodrigues, é apresentada uma análise crítica de produções cinematográficas, em especial as do Brasil. Muitas destas produções se verificam posições ambíguas no tratamento das personagens negras. Em alguns casos como “*O thesouro perdido*” (1927), de Humberto Mauro, as analogias presentes são eminentemente desmerecedoras [p. 40].

impossibilitados de pensar nos fatores<sup>6</sup>, os quais beneficiariam diretamente suas origens étnicas dentro da sociedade.

Acredito que Jeferson De, frente às dificuldades de apresentar, numa forma aprazível, o negro na mídia, tenha retido forças para não se retrair. Ele não se permitiu ser mais um retraído a ponto de esconder seu potencial. Aprendeu a dominar elementos da expressão técnica, fundamental na esfera cinematográfica, e utilizá-los para alcançar seu objetivo pessoal.

Diferentemente daqueles que não conseguiram fugir do círculo vicioso, o jovem diretor canalizou seu desconforto a fim de questionar a “boa aparência” apresentada pelas películas das câmaras cinematográficas, as quais podem encobrir questões discriminatórias. Acredito ser latente, neste diretor, o desejo de igualdade de oportunidade e respeito para com a imagem do negro na mídia, abolindo “oxalá” a ridicularização do mesmo, tanto técnica quanto conceitual. Apesar de ser clara a preocupação do cineasta com os cuidados técnicos, não se pode deixar de questionar, o curta-metragem *Narciso Rap* (2004).

Este foi um curta destinado aos alunos da rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo, para abordar a temática do preconceito e do racismo.

O protagonista é um garoto negro da periferia, que no dia de seu aniversário ganha uma lâmpada mágica que abriga um gênio. Este lhe concede um desejo, que é realizado: ser branco pros brancos e negro pros negros (sic). O personagem de pronto expressa seu desejo de ser rico e, antes de completar seu desejo, formula a idéia de que todo rico é branco (de maneira enfática). Narciso tem seu desejo realizado através de um passe de mágica. Sua vida se transforma, acorda numa enorme casa, com mordomo ao lado que lhe informa de uma grande festa para comemorar seu aniversário. Seus convidados serão os “manos” da periferia e os “boyzinhos” brancos. A interação na festa entre os convidados parece difícil, num primeiro instante. Um garoto branco encontra a lâmpada e deseja o mesmo que Narciso desejou. Porém eles acabam por verem seus reflexos na água e, desfazendo o encanto, tudo volta ao que era antes. O mordomo não mais reconhece Narciso como seu “patrãozinho” e tenta colocá-lo para fora da casa. É impedido por um negro alto que se posiciona na frente do mordomo quando este segurava Narciso, na intenção de pô-lo para fora. Os demais

---

<sup>6</sup> Uma identidade étnica amadurecida e respeitada por todos, melhores oportunidades de colocação social, educação, dentre outros fatores os quais não me deterei no presente artigo.

convidados pedem que Narciso não seja colocado para fora da festa e, assim, a trama se encaminha para o desfecho.

Quando Narciso, de maneira enfática, formula a idéia de que todo rico é branco, a primeira sugestão que paira é a naturalização de tal representação, visto ser ela reproduzida de modo decisivo. Fica a impressão de um texto ambíguo e pejorativo ao deixar no imaginário do espectador a sombra de que melhor é ser branco, porque assim pode ter mais condições na vida. Diferentemente do negro que não se incomoda com a ordem de coisas vigente ou com sua própria situação sendo, por conseguinte, “um utópico destinado ao fracasso”<sup>7</sup>, então recorre a opções escusas para melhores possibilidades de colocação na vida, no caso do curta-metragem, Narciso recorreu ao gênio da lâmpada.

A análise crítica ao curta *Narciso Rap* (2004), apresenta-se dentro do que já fora colocado pelo crítico João Carlos Rodrigues ao filme “*Um crioulo doido*” (1979), em que também expressa a estranha máxima de que o homem negro não está preparado para subir na vida<sup>8</sup>.

Ao longo do curta-metragem, a preocupação com o trabalho de desmistificação desenvolvido por Jeferson De é apresentado quando nos demais ambientes vão se reproduzindo a interação dentre brancos e negros na festa. Porém, de acordo com o crítico José Carlos Avellar, o cuidado que se deve tomar é em não fazer uma redução da discussão da relação “entre pretos e brancos na sociedade brasileira à maior ou menor aceitação do negro por parte do branco” (AVELLAR *apud* RODRIGUES, p. 51). O crítico chama atenção para tal redução da temática à mera dramatização (da idéia) do branqueamento e da integração como possibilidade exclusiva à ascensão social. A cena em que os convidados numa só voz pedem que Narciso permaneça entre eles, me parece ocupar-se simplesmente com a interação dos grupos e não está preocupada com a crítica desta aceitação como forma de auto-afirmação de uma identidade étnica consolidada.

A idéia estereotipada persiste em virtude da reincidência do desejo tido por Narciso por parte de dois companheiros seus. A ênfase na desconstrução dos estereótipos pareceu não tão acirrada quanto à da reprodução, o que me leva a concordar ainda com Avellar: a

---

<sup>7</sup> RODRIGUES, J.C. “O negro brasileiro e o cinema”, 1988, 2 ed., p. 59.

<sup>8</sup> O filme “*Um crioulo doido*”, de Joaquim Teodoro, uma produção de apenas dez minutos, relata a história de um negro que vence na vida com suas próprias forças, casa-se com uma mulher branca interesseira e acaba por doar tudo que tem por acreditar que o mundo vai acabar. Termina no carnaval de porre, travestido de peruca loura e perseguido pela molecada da rua; RODRIGUES, J.C. *O negro brasileiro e o cinema*, 1988, 2 ed., p. 59.

questão talvez se encontre na dificuldade de o mundo negro se expressar enquanto tal, devido ao fato de que ele não pensou, ainda objetivamente, como desamarrear-se dos elementos cognitivos elaborados pela cultura dominante. E, quando o faz, encontra uma dificuldade tamanha que a abordagem, além de dificultada pela delicadeza que se faz necessária na lida com a causa também é, por vezes, esquecida por se tratar de um grupo considerado minoritário.

Na cena em que o negro de elevada estatura se posiciona à frente do mordomo para defender o protagonista, se colocando diante do agressor para intimidá-lo, há a associação da figura do ‘negão’ à coerção. Minha crítica não se restringe apenas à questão étnica, mas também ao fato de as características físicas dos atores/personagens negros acabarem sendo articuladas com conotações pejorativas, as quais, felizmente, são denunciadas por João Carlos Rodrigues em sua obra. Segundo o autor, é presença marcante na cinematografia brasileira a constante associação do afro-brasileiro a traços psicológicos e/ou espontaneístas, à autocomplacência e/ou autodepreciação.<sup>9</sup>

Acredito na ciência de Jeferson De do quanto é “espinhoso” o caminho que ele determinou por trilhar. Na ponta destes, espinhos repousam a reprodução de estereótipos, de falsos valores humanos e sociais, quando estes são levantados para serem combatidos. O desejável não é que a imagem do negro seja supervalorizada, colocando em detrimento qualquer outra, mas que ela possa ser percebida e captada (de igual modo como as demais imagens étnicas são captadas) em sua singularidade e de posse de sua intrínseca delicadeza, assim como sua imagem não seja associada a colocações negativas e/ou racistas. Jeferson De apresenta tal preocupação e por isso merece ser de sobremodo reconhecido. Demonstra a preocupação em querer trabalhar com profissionais comprometidos com a temática étnica que, com o suporte da raiva, filmam com amor<sup>10</sup>.

Penso que, com relação aos espinhos que ele enfrenta e enfrentará em sua caminhada, ele merece sim, sobremodo atenção, devido ao fato de comprometer com um árduo processo de elaboração.

---

<sup>9</sup> O que não é o caso nesta obra analisada do diretor Jeferson De, apenas quero frisar uma constatação (para que se possível não ocorra mais) presente na obra “O negro brasileiro e o cinema” quando da análise dos filmes produzidos no Brasil, em sua maioria.

<sup>10</sup> Parafrazeando uma fala de Jeferson De: “Só de raiva, filmo com amor”. *Coleção Aplauso no cinema*, 2005, p. 105.

Minha ressalva é quanto aos cuidados que se deve tomar com a verdadeira imagem e representação cinematográfica do negro, na preocupação de não ceder a pressupostos da crença de privilégios quanto a um determinado fenótipo, que resultam em conflito na formação da identidade étnica, além de perpetuar estigmas.

## **Referências Bibliográficas**

DE, J. *Roteiros de Narciso Rap, Carolina, Distraída para a morte*. Coleção Aplauso-Cinema Brasil, SP, Ed. Imprensa Oficial, 2004.

RODRIGUES, J. C. *O negro brasileiro e o cinema*. R. J., Ed. Globo/ Fundação do Cinema Brasileiro, 2.ed., 1988.

## **Referências de mídia**

Programa ZOOM da TV Cultura, exibido em Fevereiro de 2006, sobre o título “*O Cinema Negro no Brasil*”.